Na Superfície dos Problemas

Simon Schwartzman

Publicado no *Jornal do Brasil*, Caderno Especial sobre “O Futuro da Universidade”, 23 de outubro de 1983, página 5.

A discussão sobre a atual crise do sistema universitário tende a se concentrar em duas questões sem dúvida importantes, mas que me parecem tocar somente a superfície dos problemas. Uma é a questão financeira. É claro que a Universidade precisa de mais dinheiro, e que a responsabilidade pela educação em todos os níveis deve ser do setor público, já que é impossível esperar que os próprios alunos, por mais ricos que sejam, tenham condições de cobrir os custos da educação superior (isto não ocorre em nenhum lugar do mundo). É claro também que a Universidade exige formas de organização interna e de escolha de suas autoridades que garantam a escolha de dirigentes com prestígio e legitimidade entre os diversos setores da comunidade universitária, e um compromisso ético com os valores educacionais e acadêmicos. Infelizmente, ninguém garante que, com mais dinheiro, a atual universidade brasileira teria condições de resolver as crises mais fundamentais que a afetam; e nenhuma forma de poder interno - nem os mais autoritários, nem os mais participatórios - são uma garantia neste sentido. Acredito que, enquanto a discussão da questão universitária se limitar a estes dois itens, estaremos em um beco sem salda: a universidade continuará com pouca legitimidade, e por isto sem muitas condições de conseguir mais recursos da sociedade que a sustenta; e o confronto entre as propostas autoritárias e mobilizadoras de direção interna só contribuirá para agravar cada vez mais seus problemas.

Quais são as questões mais de fundo, que afetam a universidade ou, de maneira mais geral, o sistema de educação superior brasileiro? Ela começa com uma confusão semântica que não é casual: no Brasil fala-se de "universidade" para designar todo o sistema de ensino superior de terceiro grau. Na realidade, sabemos que só uma pequena parte deste sistema é formada realmente por universidades, e só algumas destas mereceriam de fato este nome. Esta confusão se explica pelo fato de que todos - professores, alunos, administradores - gostariam de que suas escolas e os títulos acadêmicos dados por elas tivessem o prestígio e o reconhecimento que a palavra "universidade" traz. Entretanto, ainda que o termo continue a ser usado (como este próprio artigo o faz), é claro que as funções básicas que, nos diversos tempos e países, as universidades desempenharam, já não conseguem ser cumpridas de forma adequada entre nós. São estas, pois, as bases da crise.

a) *A universidade está deixando de ser um canal de mobilidade e ascenso social.* Por muitos anos, no Brasil como em outras partes, a expansão do sistema universitário foi concomitante à expansão dos centros urbanos, ao desenvolvimento da indústria, das grandes burocracias estatais, do comércio, transporte e outras formas de serviço. A universidade funcionava como um mecanismo de seleção - e, em certa medida, de treinamento - para pessoas ocuparem estes lugares. Ainda que se mantivesse, todo o tempo, uma alta correlação entre origem social e sucesso

posterior na carreira universitária, o fato é que a sociedade se expandia, os empregos aumentavam, haviam mais oportunidades.

Hoje, no entanto, ao mesmo tempo em que a Universidade atingiu grande expansão, democratizando em boa medida as possibilidades de acesso, seu efeito de mobilidade - e, consequentemente de distribuição de oportunidades - diminuiu. A consequência foi, por um lado, a criação de novos sistemas de estratificação dentro da universidade, através dos centros de pós-graduação e da identificação das escolas de elite; e, por outro, uma certa desmoralização geral de todo o sistema, pela ausência de perspectivas para os estudantes.

b) A universidade não é mais um centro de formação de elites. No passado, o acesso à universidade era restrito às classes mais altas, e ela de alguma forma servia para o treinamento de suas elites. Um dos ideais da criação das universidades foi a formação de novas elites, recrutadas não pela origem social de seus membros, mas pela competência e dedicação de seus membros, reveladas pelo desempenho na vida universitária. Este ideal de uma nova meritocracia acabou sendo minado pela especialização das diferentes profissões que terminaram com o tipo de educação universalista que era antes proporcionada em pelo menos alguns dos melhores centros universitários. A própria massificação do ensino superior também contribuiu para que esta função clássica fosse em grande parte abandonada.

Há quem não considere isto um mal, e condene como "elitista" esta preocupação com formação de elites. Quero crer, no entanto, que todas as sociedades necessitam de lugares onde suas elites dirigentes sejam formadas e é melhor que isto se faça de forma pública e explícita do que de forma oculta e restrita a um pequeno número de privilegiados, e incompetentemente.

c) A Universidade está deixando de ser um centro de formação profissional. Por muitos anos, todo o sistema universitário brasileiro esteve apoiado na premissa de que a universidade proporcionaria um *ensino profissional* especializado, ao qual corresponderiam *privilégios profissionais* específicos (direito exclusivo de exercer a profissão) e empregos bem remunerados. O próprio subdesenvolvimento do país parecia mostrar que a capacidade de absorção de profissionais de nível universitário no mercado de trabalho era praticamente infinita.

Estas três premissas estão hoje prejudicadas. 1) Há um contraste crescente entre a *lentidão dos currículos universitários* e os *requisitos técnicos* da atividade profissional, e poucos são os cursos que preparam os profissionais efetivamente para a vida do trabalho. O que prevalece é o treinamento no próprio trabalho, e a *experiência prévia* é hoje um requisito indispensável para se conseguir um emprego; o diploma vale cada vez menos. 2) O monopólio profissional levou à proliferação de “profissões regulamentadas” que no Brasil hoje são em maior quantidade do que em qualquer outra parte do mundo. Para as "novas profissões", as regulamentações dificilmente funcionam; e, quando o fazem, só contribuem para dar privilégios a portadores de diplomas, em detrimento de pessoas de qualificação muitas vezes igual ou superior, mas sem a credencial adequada. É possível dizer que, de uma maneira geral, este sistema, que teria por objetivo incentivar o ensino superior e criar mecanismos de auto-regulação para as diversas profissões, terminou em um sistema de privilégios corporativos, ou perdeu, simplesmente, sua eficácia. 3) Finalmente, os bons empregos e posições sociais de prestígio para os formados pelas universidades existem cada vez menos. O ideal do “profissional liberal” supõe uma sociedade rica que o sustente e compre seus serviços, mas existem hoje muito mais profissionais vendendo os serviços do que riqueza para comprá-los. A própria competitividade dentro das profissões começa a fazer ruir os preços de serviços até então fixados

oligopolisticamente. Além disto, a criação de grandes empresas para a prestação de serviços de nível superior vai transformando os universitários em um exército de trabalhadores de colarinho branco, funcionários, sem o lustro dos profissionais liberais de antigamente.

c) A função de pesquisa se torna cada vez mais difícil na universidade. Apesar de que a universidade concentra o maior número de pesquisadores qualificados no país, a verdade é que ela tende a ter cada vez maior dificuldade em desempenhar esta função (não é verdade, como pensam muitos, que em países mais desenvolvidos a pesquisa científica tende a se colocar necessariamente fora da Universidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, a maior parte da pesquisa tecnológica se faz de fato fora das universidades, mas estas concentram o maior esforço de pesquisa científica mais básica, abrigando, inclusive, o maior número de Ph.D's do que o setor governamental ou privado - mas não o de engenheiros e tecnólogos). Primeiro, porque as pesquisas científicas são cada vez mais caras, exigem equipamentos complicados, pessoal especializado, etc. e a universidade não tem estes recursos. Segundo porque a profissionalização crescente da atividade pesquisa tende a afastar o pesquisador do ensino. Terceiro, porque a Universidade quase não tem mecanismos adequados para premiar a fortalecer o pesquisador mais talentoso, e afastar o medíocre e o incompetente. Faltam-lhe em geral padrões de avaliação e mecanismos adequados para colocar estes padrões em ação. Isto, do ponto de vista da pesquisa, é funesto. Quatro, porque, com poucas exceções, as universidades têm muitas dificuldades em estabelecer relações adequadas com o setor produtivo e de serviços, que poderiam absorver os resultados mais aplicados de suas pesquisas. Ou ela é lenta, desinteressada, e não responde de forma adequada às demandas destes setores, ou ela se deixa, em alguns casos, transformar em mera prestadora de serviços, perdendo de vista seus objetivos educacionais e formativos de longo prazo.

e) finalmente, a função de extensão, de serviços prestados à sociedade ambiente, dificilmente é cumprida na universidade, voltada quase que exclusivamente para seus problemas internos e sua sobrevivência quotidiana, em meio a tantas dificuldades e vicissitudes.

Conclusão: existe uma saída?

Este é um quadro intencionalmente dramático e sem dúvida extremo; é claro que existem muitas exceções a tudo que foi dito aqui. No entanto, eu afirmaria que estas são as tendências mais gerais e dominantes, e que mesmo as exceções tendem frequentemente a ter duração limitada, e voltar a cair na vala comum dos problemas de nosso ensino superior.

Creio que existem duas conclusões mais gerais a que podemos chegar a partir daí. A primeira é que os problemas da universidade e do ensino superior brasileiro não decorrem exclusivamente da atual crise econômica nem do regime político em que vivemos. É uma crise que tem raízes profundas na própria concepção que todos temos, ou tínhamos, de nosso sistema universitário, dos objetivos que nele buscamos, e que agora se frustram de maneira tão abrangente.

A segunda, corolário da anterior, é que é indispensável repensar profundamente nosso sistema de ensino superior, a partir de suas premissas mais básicas, e tratar de *revolucioná-lo por dentro* para que ele possa jogar um papel decisivo nas transformações que o país exige - e não esperar, simplesmente, que ele seja *transformado de fora*.

Eu não teria espaço nem condições de apresentar aqui o que seria esta revolução por dentro. O que posso, no entanto, é sugerir um cenário do que seria um universidade bem sucedida em nosso meio. Ela deveria ser uma opção de trabalho e de vida para quem realmente se interessasse pelos estudos e pesquisas de nível superior, sem que a isto correspondessem privilégios especiais. Ela deveria ser extremamente zelosa da qualidade de seus professores, alunos, cursos, trabalhos. Ela deveria desistir da pretensão de formar todos os profissionais, de conduzir todas as pesquisas e voltar-se novamente para um tipo de formação básica, generalista, que formasse pessoas polivalentes e com capacidade de adaptação. Ela deveria combinar uma grande pluralidade de formas de organização administrativa e didática, liberta de currículos mínimos, conselhos federais reguladores, e privilégios corporativos. Ela deveria permitir ampla circulação de seus professores com o meio industrial, com as agencias governamentais, com os cursos de formação profissional. Ela deveria ser o centro de geração e circulação de ideias, propostas e estilos de trabalho e atuação em todas as áreas da vida pública. Ela deveria ser possivelmente bem menor do que é hoje.

Talvez o mais importante seja que a universidade deveria deixar de ser a imagem de um *privilégio* - o que, para o bem ou para o mal, ela já deixou de fato de ser - e se transformar, simplesmente, em uma opção. Que os custos de passar por ela - não os custos econômicos, mas os de dedicação, esforço, etc. - sejam suficientemente altos, para que ela deixe de ser uma simples etapa na vida dos jovens de classe média, ou que a ela aspirem. Que haja outras opções, igualmente válidas e prestigiadas socialmente, para suas diversas funções. Com isto a universidade deixaria, talvez, de ter a grande importância que ela aparentemente tem - mas de fato está perdendo - e poderia se reencontrar mais adiante, de forma mais modesta, talvez, mas também mais verdadeira.